

A arte de negociar a notícia. A experiência do jornal-laboratório *Campus* da UnB

Márcia Marques¹

Thaís de Mendonça Jorge²

Resumo

Este trabalho apresenta a experiência pedagógica do jornal-laboratório *Campus*, que completará 40 anos em 2010 com mais de 300 edições publicadas. Produzido pelos alunos de 6º semestre da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o jornal é um espaço de negociação. Além da construção da notícia na redação, a experiência envolve compartilhar o conhecimento, a partir da relação da teoria da notícia com os conceitos de trabalho em equipe, organização da produção e avaliação crítica das tarefas. Os alunos exercem todas as funções do jornal: da elaboração dos projetos gráfico e editorial à distribuição.

Palavras-chave: Jornalismo, teoria e prática. Ensino do jornalismo. Jornal-laboratório. Organização da produção no jornal. Negociação da notícia. Planejamento de produção da notícia.

¹ Márcia Marques, mestra em comunicação, é professora do jornal-laboratório *Campus* da Universidade de Brasília desde setembro de 1997. Antes de tornar-se docente, trabalhou como jornalista em diversos jornais brasileiros, como *Folha de S.Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. E-mail: professoramarcia@gmail.com

² Thaís de Mendonça Jorge, doutoranda em Comunicação na UnB, mestra em Ciência Política, é professora do jornal-laboratório *Campus*. Ministrou anteriormente as disciplinas Técnicas de Jornalismo, Jornalismo On-line e Tecnologias da Comunicação. Repórter, redatora e editora de veículos como *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *TV Nacional*. thaisdemendonca@uol.com.br

Abstract

This work presents the pedagogical experience of *Campus*, an experimental newspaper which completes 40 years in 2010, achieving more than 300 editions released. Made by students from the 6th term of Communication Faculty of the University of Brasilia, the paper is a negotiation site. Besides the news making at the newsroom, such experience involves sharing knowledge by relating news theory to the concepts of teamwork, production organization and critical evaluation of tasks. The students do all the paper functions: from creating its graphical and editorial projects to distributing it.

Keywords: Journalism, theory and practice. Journalism Teaching. Experimental newspaper. Newspaper production organization. News negotiation. News production planning.

1. Introdução

Lançado em novembro de 1970, o jornal-laboratório *Campus* acompanha, há quase 40 anos, os principais acontecimentos do Brasil, especialmente da capital federal. Sob o olhar e a percepção dos jovens alunos de jornalismo da Universidade de Brasília, as mais de 300 edições publicadas nesse período abordaram temas variados, envolvendo as relações de Estado e Comunicação, aspectos da conjuntura político-econômica, do comportamento e da cultura do país.

Este trabalho apresenta a experiência pedagógica desenvolvida atualmente pelo jornal-laboratório *Campus*, no sentido de sistematizá-la, estabelecendo um marco teórico-pedagógico, e também criticá-la e depurá-la. Mais do que

construção da notícia em uma redação, o trabalho de confecção do *Campus* envolve a construção do conhecimento, a partir da relação das teorias da notícia com os conceitos de trabalho em equipe, organização de processos de produção e avaliação crítica das tarefas.

Desde o número zero, quando ainda apresentava tiragens e periodicidade irregulares, o *Campus* se propôs a servir de espaço de experimentação para os alunos, atividade desenvolvida no laboratório antes mesmo que a Comissão de Conceituação do VII Encontro de Jornalismo Regional, de outubro de 1982, definisse:

O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional (LOPES, 1989, p.50).

Pela atual ementa da disciplina *Campus 2*, além da produção do jornal impresso, esta “segunda fase da prática de jornalismo em laboratório” (a primeira é o *Campus 1*) engloba “todas as etapas da produção jornalística”. Com a informatização da redação em 1994, o processo de produção do jornal se tornou mais rápido e o tempo de dedicação ao laboratório da UnB foi reduzido de 20 horas semanais para 16 horas, mas os alunos continuam com o mesmo volume de trabalho a realizar.

A disciplina de 16 créditos é oferecida aos alunos do 6º semestre, depois da vivência prática em períodos anteriores com *Técnicas de Jornalismo* e *Campus 1*. Em *Técnicas*, os alunos

mantêm os primeiros contatos com o planejamento da reportagem, a apuração de dados e a redação de textos. Em *Campus 1*, os jovens produzem notícias para o jornal on-line, familiarizando-se com as rotinas básicas de produção e com as hierarquias da redação. Os alunos cursam também *Planejamento Gráfico*, *Introdução à Fotografia* e *Fotojornalismo*. Em *Planejamento Gráfico*, além de diagramar, os aspirantes a jornalistas aprendem conceitos ligados à arquitetura da informação e ao *design* da notícia. Nas disciplinas de fotografia, entram em contato com a história, técnicas básicas de fotografia e linguagem fotográfica. Esta integração com outras disciplinas práticas é indicada nas Diretrizes para um Jornal-Laboratório, documento elaborado para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, por José Marques de Melo:

O jornal-laboratório constitui o instrumento básico de um curso de Jornalismo, no sentido de integrar os estudantes na problemática da futura profissão. A sua finalidade é a de permitir um treinamento adequado na própria escola, de modo que os alunos tenham oportunidade de colocar em execução, ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas de natureza técnico-profissionalizante. (LOPES, 1989, p.51)

No livro em que aborda o ensino e a prática em quatro jornais-laboratórios brasileiros, entre eles o *Campus*, Lopes divide o jornal produzido pelos estudantes de Comunicação da Universidade de Brasília em duas etapas: a primeira, de 1970 a 1981, em que ressalta a irregularidade da produção e a falta de editorias; e a

segunda, a partir de 1982, para atender reivindicação dos alunos, que não tinham mais espaço para fazer estágio em órgãos de imprensa, proibido por força de lei.

A mudança do currículo em 2000 – que criou a disciplina *Campus 1* – trouxe um terceiro momento para o *Campus*, quando o fluxo de produção se consolidou em edições quinzenais. Nos últimos anos, o jornal-laboratório da UnB tem recebido importantes prêmios, como reconhecimento pelo trabalho inovador: o Ayrton Senna, em 1999, pela série de reportagens com temas ligados à infância e à adolescência; o Líbero Badaró, em 2001, pela edição especial dos 30 anos do *Campus* com o resgate da história do guerrilheiro Carlos Lamarca no Sertão da Bahia; e o Prêmio Engenho, em 2005, pela contribuição acadêmica ao mercado jornalístico.

2. Metodologia: trabalho em equipe

No *Campus*, o trabalho é sempre realizado em equipe, nos moldes do processo de produção da notícia em uma redação da grande imprensa. Os estudantes do 6º semestre do curso concebem, elaboram, executam, avaliam e distribuem o produto jornalístico, participando de todas as fases de montagem das edições, durante os 15 dias que separam um número do outro. São cinco edições a cada período, com tiragem de 4 mil exemplares, cada. O jornal, que já experimentou vários formatos e agora é tablóide, é distribuído prioritariamente à Universidade de Brasília, mas também a

assessorias, redações, universidades e comissões de Educação da Câmara e do Senado.

No processo de pensar, experimentar, repensar e finalizar o produto, os alunos assumem todos os papéis na redação e executam todas as tarefas de uma organização jornalística, a saber: 1) criam os projetos editorial e gráfico; 2) fazem o planejamento mensurável do trabalho do semestre na redação, com indicação de metas e prazos; 3) criam o formato da organização jornalística, com a hierarquia específica, em que trabalharão no semestre; 4) selecionam as equipes responsáveis pelas editorias; 5) definem, distribuem e executam as tarefas; e 6) fazem a avaliação dos resultados do trabalho com base nas metas e prazos acertados pelo grupo.

Os três professores em atuação no *Campus* – dois de redação e um de fotografia – guiam, acompanham e supervisionam o trabalho, assinando como responsáveis pela disciplina. Dentro da distribuição de papéis, são os diretores do jornal. A equipe do *Campus* da UnB conta ainda com um secretário gráfico, um técnico em informática e dois monitores. Além das funções inerentes à produção das edições, os professores cuidam de unir a prática ao referencial teórico do jornalismo. Nas duas primeiras semanas de aula, os estudantes mergulham nas informações produzidas pelo jornal-laboratório nas encadernações feitas com as edições desde 1970, e nos conceitos que envolvem a produção da notícia. O objetivo é que conheçam o produto e construam por si próprios: a organização jornalística em que trabalharão, o projeto editorial que orienta a produção, e o projeto gráfico representativo do impresso.

Todo projeto pedagógico, principalmente em um jornal-laboratório, envolve valores como os do trabalho em equipe e do papel do professor em sala de aula. Ao considerar a política da aprendizagem, Demo (2005) destaca as premissas essenciais para o sucesso da atividade acadêmica: a) aprendizagem supõe processo reconstrutivo individual e coletivo dos alunos; b) papel do professor, como “orientador maiêutico”; c) educação como processo essencialmente formativo, no qual o aluno é ponto de partida e de chegada; d) ambiente interdisciplinar, onde o “signo fundamental é intervir para mudar” (DEMO, 2005); e) a aprendizagem é reconstrução permanente; f) formação das habilidades humanas, não só da competitividade, como do compromisso com a cidadania; g) os meios eletrônicos são particularmente decisivos no campo da informação disponível.

O autor lembra que a escola precisa oferecer ao aluno as melhores condições para a aprendizagem, a fim de que “não só se desempenhe, mas igualmente se realize como ser humano”:

Seria o caso de recordar aqui a noção proverbial de Sócrates de maiêutica (...). Ao contrário do que se alude freqüentemente, a maiêutica não só releva a participação importante do agente externo ou da ambiência social, mas igualmente ou sobretudo do esforço do próprio estudante. Faz parte de sua noção também a relação com o parto, quer dizer, aprender pode ser algo muito forte em termos lúdicos e de envolvimento social e pessoal, mas inapelavelmente *dói*. Não é viável desfazer a necessidade de esforço, no sentido de “dar duro”, dedicar-se com afinco, estudar de verdade, ou, como dizem os jovens, “ralar”. (DEMO, 2005)

Não podemos deixar de considerar que o trabalho em equipe lida com conceitos de organização e negociação. A noção de organização é vista como: “ato ou efeito de organizar; modo pelo qual se organiza um sistema; associação ou instituição (pública ou privada) com objetivos definidos; estabelecimento das bases para o planejamento, preparo” (HOLANDA, s/d, p.1005). Nesse sentido, temos consciência de que as tarefas dependem de um comprometimento e atitude coletivos e do estabelecimento de uma boa comunicação entre os participantes, o que inclui alunos, professores e toda a equipe.

No *Campus*, as rotinas produtivas são acertadas em conjunto com os estudantes. Quase todas as decisões são tomadas em reuniões³, tal como preconizam os requisitos de comunicação nas organizações modernas. Nos primeiros encontros com os alunos em sala de aula, os professores explicam o modo de produção, reforçam a idéia de fluxo produtivo e sua relação com as rotinas jornalísticas. Os professores orientam a montagem do cronograma de produção da primeira edição, e a partir daí os próprios alunos estabelecem o cronograma de cada número e de toda a disciplina, partindo das datas de envio do produto à gráfica. Cada um é responsável por uma função dentro da redação e os alunos fazem rodízio nas atribuições, a fim de que possam multiplicar as possibilidades de experimentação (ver Tabela 1).

³ A exceção fica por conta do período de fechamento, quando questões têm que ser resolvidas a tempo e a hora, para não atrasar a edição, o que também acontece na imprensa tradicional.

Tabela 1 - Funções e responsabilidades no *Campus*

Função	O que faz	Quem faz
Diretor de redação	Responsável pelo jornal Atua como mediador de conflitos	Professores
Editor-chefe	Coordena todas as etapas de produção e edição Dá as linhas da edição de acordo com projeto editorial Avalia o trabalho da equipe Coordena a reunião de editores Reporta-se ao diretor de redação	Aluno escolhido pelo grupo
Secretário da redação	Faz a ponte entre todas as funções Faz relatórios do andamento da produção Arquiva cinco jornais por edição Organiza a agenda da redação, dá suporte às reuniões Responsável por suprimentos e equipamentos, recibos e notas fiscais Reporta-se ao editor-chefe em assuntos editoriais e ao diretor de redação nas questões administrativas Coordena a revisão de textos Organiza e coordena a distribuição do jornal	Aluno escolhido pelo grupo

<p>Diretor de arte</p>	<p>Integra e organiza a equipe de diagramação, confere ao produto final identidade com projeto gráfico</p> <p>Promove a convergência das linguagens: fotos, textos, ilustrações, infográficos etc.</p> <p>Viabiliza a concepção hierárquica da notícia, feita por cada editor, pela utilização dos recursos da programação visual;</p> <p>Fecha o jornal, grava o CD e leva à gráfica;</p> <p>Publica a edição no Campus On-Line</p> <p>Reporta-se ao editor-chefe</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>
<p>Ombudsman ou Ombudskvina</p>	<p>É a voz do leitor no jornal</p> <p>Escreve texto de crítica para página de opinião, após ouvir a equipe</p> <p>Reporta-se ao diretor de redação</p>	<p>Monitor, ex-aluno, indicado pelo professor</p>
<p>Editor</p>	<p>Distribui e acompanha o andamento das pautas</p> <p>Derruba pauta ou matéria e, se for o caso, sugere outra, com o aval do editor-chefe</p> <p>Mantém contato repórteres/ editor-chefe</p> <p>Edita e fecha as páginas com o diagramador</p> <p>Avalia o trabalho da própria equipe</p> <p>Reporta-se ao editor-chefe</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>

<p>Editor de fotografia</p>	<p>Coordena o trabalho dos fotógrafos, para quem leva e distribui as pautas</p> <p>Identifica as fotos para arquivo e acompanha a utilização do material na diagramação</p> <p>Trata, com equipe, as imagens e salva no formato para impressão</p> <p>Define as fotos que entram em cada matéria junto com o editor da página</p> <p>Representa a equipe de fotografia em todas as reuniões</p> <p>Avalia a equipe</p> <p>Reporta-se ao editor-chefe</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>
<p>Diagramador</p>	<p>Cria formas para dispor os textos, fotos, ilustrações, títulos, sutiãs, legendas, de acordo com o projeto gráfico</p> <p>Trabalha com os editores</p> <p>Reporta-se ao diretor de arte</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>
<p>Repórter</p>	<p>Sugere pauta para si e para o conjunto da redação</p> <p>Apura e redige as matérias no prazo definido; faz as correções solicitadas</p> <p>Entrega textos com sugestões de título, sutiã, legendas, olhos</p> <p>Reporta-se ao editor de sua editoria</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>

<p>Repórter fotográfico</p>	<p>Participa da reunião de pauta da fotografia, sugere pautas</p> <p>Combina com o repórter as fotos que serão produzidas e quando</p> <p>Fotografa, de preferência junto com o repórter. Fotos de pautas já apuradas só em último caso</p> <p>Participa da edição das fotos</p> <p>Quando não está em pauta, fica na redação à espera de nova convocação para o trabalho</p> <p>Reporta-se ao editor de fotografia</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>
<p>Revisor gráfico</p>	<p>Revisa a disposição de títulos, retrancas, fotos, ilustrações, sutiãs, legendas</p> <p>Faz a revisão gráfica em busca de viúvas e órfãos na mancha gráfica e verifica o padrão gráfico</p> <p>Reporta-se ao diretor de arte</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>
<p>Revisor de texto</p>	<p>Faz a revisão morfológica e sintática com o apoio de dicionários e manuais de redação</p> <p>Revisa cada Mesa, até não ter mais erros</p> <p>Assina cada prova de revisão e dá o OK na última prova</p> <p>Reporta-se ao secretário da redação</p>	<p>Aluno escolhido pelo grupo</p>
<p>Distribuidor</p>	<p>Distribui os exemplares de acordo com a programação</p> <p>Reporta-se ao secretário da redação</p>	<p>Todos os alunos</p>

Lições mais recentes aprendidas pelos professores do *Campus* levaram à conclusão de que é interessante intercalar no processo produtivo algumas aulas de tópicos específicos, para lembrar aos estudantes práticas e conceitos que eles viram em outras disciplinas, em semestres anteriores, e podem estar defasados. O procedimento se mostrou adequado especialmente quando se observava alguma deficiência dos discentes em pontos específicos do currículo, como pauta, pirâmide invertida, lide ou questões éticas relacionadas à apuração. Isso possibilita alguma *aeração* ao duro processo produtivo, ao mesmo tempo em que se incentiva a reflexão e o diálogo.

Procura-se analisar constantemente as ações. Assim como em Wolf (2003, p.200), a idéia principal é que a notícia resulta de uma negociação no ambiente da redação e que o trabalho mesmo em equipe depende de conversa e troca, e esta é uma forma de resolver conflitos. Não há culpa, há responsabilidades. Nas rotinas do grupo, avalia-se constantemente o cumprimento da meta, dos prazos, e a economia na utilização de materiais, como papel e tinta de impressora, por exemplo; sugerem-se mudanças e aperfeiçoamentos; criam-se padrões e tudo isso serve para permitir o controle da produção. Pois, como diz Demo,

É fundamental que [os alunos] aprendam a trabalhar em equipe, mas é erro permanecer apenas com atividades coletivas, porque se coíbe desnecessariamente que se atinjam patamares insubstituíveis do esforço individual. Saber pensar precisa poder realizar tanto a capacidade de trabalho de equipe, quanto de formulação própria de argumentos. Não há como um pensar

pelo outro, embora todos possam contribuir para o melhor pensar dos outros. Talvez a melhor idéia seja introduzir no trabalho de equipe fases individuais, para motivar que todos sejam envolvidos e apresentem suas habilidades (DEMO, 2000, p.11).

3. A notícia negociada

Criado pelos professores Luiz Gonzaga Motta, Salomão Amorim e Manoel Villela Magalhães, em 1970, o *Campus* atuou 12 anos mais como jornal-laboratório do que um veículo de mercado. Assim como não tinha editoriais, não tinha opinião (LOPES, 1989, p. 70), e engatinhava na busca de um contato com o leitor. No mini-editorial, em forma de anúncio, publicado no número zero, incertezas:

O primeiro número do *Campus* saiu. Sabemos que vai ser a maior pixação. Pelo menos, esperamos. A indiferença é a pior coisa que pode acontecer. Se a universidade é o confronto das idéias, nosso jornal deve ser assim também. Chega de papo: pixe este anúncio⁴.

Hoje, o *Campus* é distribuído em outras faculdades de jornalismo e pontos fora da UnB, funcionando também como órgão de reflexão, de crítica e de divulgação da Universidade de Brasília. Permanece numa posição de isenção, sem manter qualquer vínculo com a reitoria, porém, atua como forma de aproximação entre a comunidade universitária e a sociedade. Além da obrigatoriedade

⁴ Publicado na edição Zero, de novembro de 1970.

curricular – que exige dedicação total dos alunos –, é essencial para a formação dos estudantes. Dessa maneira, constitui-se num laboratório que alia princípios e conceitos modernos de educação, da didática, técnicas de redação e construção da notícia, do *design* e da arquitetura da informação com ferramentas de relacionamento humano, marketing e organização.

A educação é vista como *ato de criar*, a partir do verbo latino *educare*, que tem relação com *ducere* (conduzir) e *educere* (tirar para fora, criar). Como diz Nérici (1965, p.9-10), “cada indivíduo nasce com um potencial próprio de possibilidades biopsicossociais”, e ao processo educativo cabe “explicitá-las e aproveitá-las da melhor forma para o convívio social”, a fim de que “contribua com o melhor que possa”. Ensinar (do latim *insignare* – sinalizar, assinalar) e aprender (de *apprehendere*, perceber, captar) são as duas faces desse processo, que prescreve o acompanhamento do aluno em atividade. Freire, em sua *Pedagogia da Autonomia* (2005, p.22), mostra-se contra a idéia de que ensinar seja transmitir conhecimento. Significa, ao contrário, “criar possibilidades para a sua produção ou construção”. O comentário do autor é bem apropriado para o que seria, num jornal-laboratório, a experiência concreta de uma reunião de pauta:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência com as pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como

indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 2005, p.30)

Como lembra Oliveira (2005, p.12), “num momento de aviamento e desvalorização do trabalho do professor”, a pedagogia da autonomia de Freire “nos apresenta elementos constitutivos da prática docente enquanto dimensão social da formação humana”. Alerta-nos sobre a necessidade de adotar “postura vigilante” contra a desumanização e, “com o saber-fazer da reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitados permanentemente”, podemos descobrir as causas da degradação e chegar às razões do “discurso fatalista da globalização”.

Sendo assim, entendemos que o marco teórico pedagógico do trabalho em um jornal-laboratório, nos moldes do *Campus* da UnB, se situa entre a nova didática de Larroyo – “ensinar ao educando maneiras de aprender por conta própria, vale dizer, métodos que lhe permitam enriquecer ilimitadamente seu saber” (1964, p.40); os princípios de Ibarra Perez (1965, p.85) – “aprender uma coisa nova é nada menos que vivê-la”; e os de Paulo Freire, com a “prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos” (2005, p.13). Podemos passar à visão da figura do professor, que tem a ver, não só com o processo didático, como também com as teorias da organização e da construção da notícia.

Segundo Bordoni(2005), atualmente, não basta ser professor. Mais que isso, exige-se daqueles que estão na regência de classe, uma função à frente: a de professor gestor, que “tem coragem

de ousar, inovar sem se distanciar de sua missão de educar para um novo mundo possível” e, com “uma visão ampliada da Escola”, percebe sua importância “para além da sala de aula”. Ele tem a consciência de que representa “peça-chave de conjunto maior”: “O professor gestor tem a competência para a gestão da sala de aula e tem também a visão do gestor educacional, percebendo a escola como um todo”.

Este professor gestor, dentre outras características, “constrói uma imagem positiva de si, dos alunos e da escola”; é pró-ativo e procura sempre se atualizar em diversos campos; comunica-se com eficácia, mantém a todos informados sobre seu trabalho; estimula e utiliza tecnologias na sala de aula; contextualiza o ensino, gerencia o tempo e os processos e possui “uma postura transinterdisciplinar”, trabalhando pautado na realidade e na sociedade. Ao se tornar co-responsável pela captação e fidelização dos alunos – conceito de marketing aplicado à didática moderna –, o professor gestor é participativo e promove o trabalho em grupo e com projetos.

Não traz para os alunos respostas para perguntas que eles não fizeram e sim, formula com eles novas perguntas, incentivando novas descobertas. Valoriza os alunos. Sabe que até os “com mais dificuldades” têm características positivas que podem suscitar o recebimento de elogios que melhoram a sua auto-estima; promove a colaboração. Sabe que não é detentor único do saber e reconhece nos conflitos uma oportunidade para o crescimento e amadurecimento da turma (BORDONI, 2005).

Na questão das técnicas jornalísticas, nosso recorte é o da teoria construtivista. Junto com Sousa, Shudson e Altheide, vemos a notícia como: a) resultado das pessoas, das intenções e interações dos autores e dos atores envolvidos no acontecimento; b) fruto das dinâmicas e dos constrangimentos sociais (extra-organizacionais) e dos meios em que foram construídas e fabricadas; c) originadas por conjuntos de idéias que moldam os processos sociais, dão referentes comuns e coesão a grupos, mesmo quando os interesses não são conscientes ou assumidos; d) produto do sistema cultural que condiciona as perspectivas e/ou a significação que se tem do mundo (SOUSA, 2001).

A notícia é uma categoria situada historicamente, mais do que uma produção atemporal das sociedades humanas. (...) Uma matéria é uma narrativa do “mundo real”, assim como o boato é uma outra espécie de narrativa do mundo real e um romance histórico também. Não são realidade em si mesmos (...), mas uma transcrição, e qualquer transcrição é uma transformação, uma simplificação, e uma redução. O jornal, como portador de notícias, participa na construção dos mundos mentais nos quais nós vivemos, mais do que na reprodução do “real world”. (SHUDSON, 1999, p.38)

Na parte organizacional, as rotinas de uma redação jornalística – o *Campus* se enquadra nesse parâmetro – são importantes no processo de coleta, seleção e apresentação das notícias. Como procedimentos que asseguram, sob a pressão do tempo, um fluxo constante e seguro de notícias e a transformação dos acontecimentos em relatos destinados à publicação, as rotinas

fazem parte da gestão de recursos humanos e financeiros para aumentar lucros e reduzir custos, e funcionam a partir de uma divisão racional do trabalho. Ao mesmo tempo, as reuniões de pauta diárias, as de editores para discutir o produto ou combinar a primeira página, bem como os horários de fechamento e o sistema de distribuição são uma resposta prática às necessidades dos profissionais e das organizações noticiosas. Além do pragmatismo de colocar o jornal na rua, são rotinas que defendem os jornalistas e as empresas de críticas e riscos – como os procedimentos de ouvir o outro lado e usar aspas para as declarações das fontes.

Altheide (apud WOLF, 2003, p.197) vê a notícia como “produto de um processo organizado, que implica uma perspectiva prática sobre os eventos, voltada a representá-los, a dar estimativas simples e diretas sobre suas relações e a fazer isso de modo que consiga atrair a atenção dos espectadores”. Wolf (2003, p.265), então, levanta (com Magistretti), “uma hipótese sobre a natureza negociada dos processos de produção de informação”. A idéia defendida por esses autores é que a notícia seria “o resultado de uma série de negociações”, onde se discute “o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal”.

No jornal-laboratório *Campus*, sentimos, acompanhamos e provamos as várias etapas dessa negociação no cotidiano com os alunos. Valores-notícia são considerados desde a pauta e “acionados para agilizar o fechamento”; critérios práticos e flexíveis “regem a escolha e utilização das fontes”; e “a rigidez na organização do

trabalho contrasta com a orientação de atualização até o último momento”. Assim, seguindo com Wolf, a composição do noticiário “é uma espécie de acordo entre elementos predefinidos” e elementos previsíveis. Tivemos um exemplo recente de como essa negociação se dá na prática, com a orientação dos professores.

A edição nº 304 estava pronta, com todas as matérias apuradas e em fase de redação final. A manchete seria sobre depressão: existe um alto percentual de estudantes da UnB sofrendo dessa doença. Entretanto, um episódio do mundo real iria mudar o planejamento. Era o nosso momento “Stop the Presses!” No dia 9 de maio de 2006, a Universidade de Brasília parou porque faltou luz. Uma dívida de R\$ 3,6 milhões fez com que a Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB) mandasse cortar a energia no Campus Universitário Darcy Ribeiro. Valores-notícia muito fortes estavam por detrás desta notícia: proximidade, dinheiro, mistério, poder, ciência, além do óbvio – o novo.

Desenrolou-se um processo de negociação com os alunos, primeiro, para convencê-los a mudar a edição e redimensionar as prioridades. A capa do jornal teria que ser refeita e, no mínimo, duas páginas internas. Depois, matérias já finalizadas teriam espaço reduzido; era necessário *derrubar*⁵ algumas, o que, para repórteres iniciantes, dói. Mas, como diria Demo, isso também é aprendizado. Por fim, conseguimos mobilizar uma equipe de sete repórteres, que já se haviam desincumbido de suas tarefas e tinham perfil para

⁵ No jargão jornalístico, cancelar, desistir da matéria.

atender a demanda de um trabalho eficaz e de alta responsabilidade. O desafio seria dar conta da apuração no mais breve tempo e não atrasar a data de fechamento marcada com a gráfica.

Este exemplo parece reforçar o que Wolf diz sobre “o caráter elástico, dinâmico, não rigidamente preestabelecido, vez por outra calibrado internamente de modo variado, do processo de noticiabilidade”. Assim, concordamos com o autor em que a negociação “é sempre o resultado de uma mistura, a cada vez articulada de modo diferente, em que os fatores em jogo também possuem sempre um ‘peso específico’ desigual”. No caso de um jornal-laboratório, ainda é preciso lidar com as limitações dos estudantes, com diferentes qualificações, com o tempo disponível em classe e extra-classe, além do aparato burocrático da universidade, do acesso às fontes e da perecibilidade dos acontecimentos em si que, a qualquer minuto, podem ser ultrapassados pela imprensa diária ou pela internet.

4. Conclusões

A experiência pedagógica vivida por alunos e professores no laboratório do jornal *Campus*, é focada no conceito de Demo de “gestação da autonomia”, fruto da relação permanente entre o saber pensar e o saber aprender, que torna possível ao ser humano construir a própria história política. Mais do que reprodução do conhecimento, obtida na recriação do trabalho em uma organização

jornalística, no *Campus* prevalece a reconstrução deste conhecimento, num processo inovador e crítico.

Saber pensar, como ensina Demo (2001), independe de estudo formal, embora não seja antagônico a trabalhos acadêmicos; denota a compreensão de como e por que intervir na realidade; permite viajar pelo conhecimento, por meio de sua desconstrução, para identificar o que aparentemente não se encaixa em determinado cenário; pressupõe a convivência entre pensamentos diversos; combina prática e teoria⁶. A capacidade de aprender comprova o quão maleável é o ser humano, maleabilidade que precisa combinar intransigência, quando é preciso ter pulso firme, com transigência na convivência social. “O ambiente mais favorável à aprendizagem é o interdisciplinar, teórico e prático, socialmente motivador, pluralista e crítico”, diz Demo, lembrando que “é próprio do conhecimento pós-moderno não distinguir concretamente teoria e prática, já que seu signo fundamental é intervir para mudar” (DEMO, 2004).

Para aprender no *Campus*, os alunos precisam pensar, pesquisar e desenvolver o processo com mão própria (DEMO, 2003). A sala de aula ocupa o lugar de pano de fundo, neste processo. Os temas abordados em aula, pelo professor, têm a função de apontar caminhos possíveis para a escolha dos alunos. Até alguns anos atrás, um bom professor era aquele que tinha uma boa didática, que sabia transmitir conhecimento aos alunos, chegava à

⁶ “Ora e labora”, reflete e trabalha, como definiu o professor Luiz Martins, no desdobramento da palavra laboratório, para os alunos do Campus.

escola, ministrava aulas e que ia para casa satisfeito. Hoje, no entanto, como observa Bordoni, o docente enfrenta, nas salas de aula de todo o país, alunos com valores, características e ações bem diferentes daqueles para os quais ele foi preparado para trabalhar.

Vivemos na sociedade do consumo e do hedonismo, onde a individualidade é maior a cada dia e temos menos espaços de convivência dos membros da família (estamos trocando a sala pelo quarto), onde o certo e o errado se confundem. Onde as crianças e jovens aprendem principalmente a partir da TV, dominam e utilizam com facilidade as tecnologias, são egocêntricas (primeiro o eu), possuem pouco contato com a frustração e apresentam uma adolescência precoce (BORDONI, 2005).

No ritmo de transformação por que passa a sociedade, o professor também tem que se renovar. Trabalhar com esse novo perfil dos estudantes exige “novas habilidades para novas competências”. Não só a prática docente deve descobrir oportunidades para interagir e comunicar, como a própria estrutura dos cursos vem sendo modificada na organização dos horários e do espaço de trabalho, na metodologia, nas atividades grupais, bem como na avaliação e nas relações humanas. O trabalho em cooperação é essencial à vida democrática: a atuação dos alunos na sala ou numa mesa de reuniões, discutindo assuntos de pauta, estabelecendo objetivos, fazendo planos, assumindo responsabilidades ou avaliando resultados é uma forma de cidadania. Trocando idéias uns com os outros, eles descobrem que a vida é colaboração e que é muito mais fácil fazer determinadas

tarefas em conjunto do que isoladamente. Cedo ou tarde acabam chegando à conclusão de que o trabalho é mais eficiente e prazeroso quando todos participam desde o planejamento. Cada um encontra lugar no projeto do grupo para fazer contribuições de acordo com sua própria maneira de ver as coisas. A atividade oferece oportunidades de relacionamento humano, dá chances àqueles que têm talento para chefiar, bem como para os bons planejadores, para os que servem como estímulo a todo o grupo e para os que timidamente só querem aprender. Quanto aos professores, esses estão sempre aprendendo com os jovens; também os alunos aprendem a ver no professor um amigo e um orientador capaz de resolver conflitos às vezes individuais.

Como diz Paulo Freire, “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética”. Acreditamos que a experiência do jornal-laboratório *Campus* é, ao mesmo tempo, intensa e estimulante para ambas as partes. A postura “curiosa e aberta” (OLIVEIRA apud FREIRE, 2005, p.10) que os professores podem assumir “provoca-os [os estudantes] a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer”. Nesse ambiente favorável, em que mentes são forjadas para o futuro, não podemos esquecer que “ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica” (FREIRE, 2005. 125) e, continuando com Freire, não deixamos de fazer uma reflexão final, a propósito do mundo em que vivemos:

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não, a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões (FREIRE, 2005, p.127-128).

5. Referências

BORDONI, T. O professor gestor. In: **Tendências da Administração**. Paper publicado pela A&D Consultoria e Desenvolvimento. 2 mar 2005.

BRUCE, Andy e LANGDON, Ken. **Como gerenciar projetos**. São Paulo. Publifolha, 2000.

DEMO, Pedro. **Desafio do projeto pedagógico**. 2004. Disponível em: http://pedrodemo.blog.uol.com.br/arch2004-12-26_2005-01-01.html

_____. **Saber Pensar**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Vícios Metodológicos**. 2003. Disponível em: <http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/viciosmetodologicos.htm>

FORSYTH, Patrick. **Como fazer reuniões produtivas**. São Paulo. Editora Nobel, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HINDLE, Tim. **Como conduzir negociações**. São Paulo. Publifolha, 1999.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 14ª impressão. s/d.

IBARRA PEREZ, O. **Didactica Moderna. El aprendizaje y la enseñanza**. Madri: Aguilar, 1965.

JORGE, T. **Por uma Didática da Notícia. Experiência extra-classe na construção de Grande Reportagem**. Paper apresentado ao GT Projetos Pedagógicos do 9º. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Campos (RJ), abril 2006.

LARROYO, F. **Pedagogia de la enseñanza superior. Naturaleza, métodos, organización**. México: Porrúa, 1964.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório, do exercício escolar ao compromisso com o leitor**. São Paulo. Editora Summus, 1989.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Introdução à Didática Geral**. Dinâmica da escola. São Paulo/ Lisboa: Fundo de Cultura, 1965.

SHUDSON, M. **The Power of News**. Cambridge/ Londres: Harvard University Press, 1999

SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Portugal. Editora Minerva-Coimbra, 2000.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 200.